

Economia -
Brasil

De volta ao trabalho... mas nem tanto

Álvaro Bandeira

redacao@brasileconomico.com.br

Superado o vexame da Copa do Mundo, o país deveria entrar em ritmo normal. Porém, isso não é totalmente verdadeiro, já que está aberta a campanha para sucessão presidencial e isso deve ocupar boa parte da opinião pública, alterar o dia-a-dia do mercado financeiro e deixar empresários e empreendedores ainda reticentes quanto a realizar investimentos. Portanto, estamos fadados a passar o restante do ano de 2014 quase em branco, não fosse por algumas decisões de governo de cunho mais populista.

No que tange às pesquisas de intenção de voto, a presidente Dilma deve sofrer o desgaste de o governo ter tentado angariar o sucesso da Copa e, depois da vergonha nacional, terá dificuldade de descalçar as chuteiras desse link feito antecipadamente. Os mercados como sempre devem comemorar com melhor precificação dos ativos (notadamente empresas controladas pelo governo), já que as interferências podem ser menores, principalmente sobre Petrobras e setor elétrico.

No que tange aos indicadores de conjuntura, sobre contas públicas e externas, não devemos ter nenhuma grande mudança, pois o governo segue gastando muito, o que induz dificuldades para fechar o superávit primário de 2014 dentro da meta de 1,9% do PIB, sem que tenhamos aumento da carga tributária ou o uso de mais contabilidade criativa, que de resto o governo já vem fazendo de forma antecipada. Isso a despeito de o Banco Central seguir dizendo que os gastos tendem para a neutralidade. Somente o saldo da balança comercial pode melhorar um pouco, reduzindo o déficit de pouco mais de US\$ 2 bilhões.

Quanto ao crescimento do PIB (produto interno bruto), nenhuma surpresa. A cada nova pesquisa semanal Focus do Bacen, as projeções encolhem mais um pouco. Na última pesquisa, o crescimento do PIB estava em 1,05%, mas já há quem estime que o crescimento poderia ficar em 0,7%. Se fizermos a junção disso com a inflação oficial até junho de

Quanto ao crescimento do PIB, nenhuma surpresa. A cada nova pesquisa semanal Focus do Bacen, as projeções dos economistas encolhem mais um pouco

6,52% anualizada e acima do teto da meta, teremos a temida situação do país flertando com a estagflação (inflação alta e crescimento muito baixo). Tudo isso se concretizando muito próximo do primeiro turno das eleições presidenciais, o que pode indicar a possibilidade de segundo turno com acirramento de disputas e acordos políticos de última hora.

Não importa. Na nossa visão, quem quer que seja o novo presidente terá que realizar mudanças no rumo da política econômica e monetária, além de proporcionar um choque de credibilidade destinado a motivar investidores - principalmente externos - e empreendedores. Terá que trazer a inflação para pata-

mares mais palatáveis e cortar seletivamente gastos. Terá também que alterar a política tributária com objetivo de possibilitar ganhos de produtividade e investir fortemente em infraestrutura para completar a redução do custo Brasil.

Tudo isso pode ser feito mais rapidamente se houver alternância de poder, ou com mais parcimônia caso tenhamos a reeleição de Dilma Rousseff. O que certamente vamos continuar esperando é que os candidatos divulguem suas plataformas de governo e dar chance para que a sociedade possa cobrar.

Álvaro Bandeira é economista-chefe e sócio da Órama Investimentos

